

As Altas Habilidades/Superdotação no cinema estadunidense: entre a humanização e o espetáculo

High Abilities/Giftedness in american cinema: between humanization and spectacle

Paola Cecília Lopes Duarte¹0009-0005-0155-4763^I

Vitor Gomes²0000-0003-3388-1054^{II}

^I Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Vitória, ES, Brasil,
pceciliaduarte@gmail.com;

^{II} Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Vitória, ES, Brasil,
vitorgomes76@hotmail.com

Resumo

Este artigo analisa a representação de indivíduos com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) em oito filmes estadunidenses lançados entre 1991 e 2017. A fundamentação teórica baseia-se na escuta sensível de Carl Rogers, bem como nos conceitos de envolvimento existencial e distanciamento reflexivo de Yolanda Forghieri. Metodologicamente, a pesquisa ancora-se no humanismo existencial e na fenomenologia, utilizando sucessivas telespectações como procedimento de imersão e análise de dados. Os resultados indicam que as obras, ao abordarem dificuldades emocionais, precocidade e perfeccionismo, auxiliam na compreensão desses aspectos intrapsicológicos. Contudo, observa-se um paradoxo: enquanto a representação de dilemas internos humaniza o sujeito, a predominância de narrativas focadas em prodígios infla a expectativa social por "habilidades fantásticas", reforçando mitos sobre essa população. Em sua conclusão indica que o potencial pedagógico do cinema não reside exclusivamente na qualidade intrínseca do filme, mas na mediação docente. Assim, o uso do cinema em sala de aula deve ser acompanhado de discussões críticas e desconstrução teórica, permitindo identificar limitações históricas e reconhecer fatores recorrentes nas vivências de indivíduos com AH/SD.

Palavras-chave: Altas habilidades/Superdotação; Cinema; Representação social.

Abstract

This article analyzes the representation of individuals with High Abilities/Giftedness (HA/G) in eight American films released between 1991 and 2017. The theoretical framework is based on Carl Rogers' sensitive listening, as well as Yolanda Forghieri's concepts of existential involvement and reflective distancing. Methodologically, the research is anchored in existential humanism and phenomenology, using successive "telespectations" (film viewings) as a procedure for data immersion and analysis. The

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação -PPGPE/UFES. Membro do Grupo de Pesquisa em Fenomenologia na Educação-UFES. Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0005-0155-4763>. E-mail: pceciliaduarte@gmail.com.

² Fenomenólogo. Doutor em Educação-UFES; Professor da Universidade Federal do Espírito Santo-Brasil e do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Fenomenologia na Educação-UFES e Membro do Phainomenon- Grupo de Pesquisa fenomenologia e educação-UFRN. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-3388-1054>. E-mail: vitor.gomes@ufes.br.

results indicate that the works, by addressing emotional difficulties, precocity, and perfectionism, aid in the public understanding of these intrapsychological aspects. However, a paradox is observed: while the representation of internal dilemmas humanizes the subject, the predominance of narratives focused on prodigies inflates social expectations for "fantastic abilities," reinforcing myths about this population. The study concludes that the pedagogical potential of cinema lies not in the film's intrinsic quality, but in teacher mediation. Thus, the use of cinema in the classroom must be accompanied by critical discussions and theoretical deconstruction, allowing for the identification of historical limitations and the recognition of recurring factors in the life experiences of individuals with HA/G.

Keywords: High Abilities/Giftedness; Cinema; Social Representation.

Introdução

A experiência cinematográfica promove imersões visuais que permitem aos espectadores experiências imersivas em cenários, personagens e situações que proporcionam a sensação de verossimilhança ao que é testemunhado nas telas. Ao abordarmos sua interseção com a educação, é necessário considerar os mecanismos de socialização que moldam a formação cultural e educacional de um indivíduo.

Neste sentido, as obras audiovisuais tornam-se potentes instrumentos para criar ou transformar as concepções de indivíduos. Cada filme, seja ele uma obra de ficção ou um documentário, emerge a partir de decisões, opções, cortes e visões, bem como, do repertório dos profissionais envolvidos e de interesses mercadológicos e ideológicos. Assim, é necessário considerar tais fatores ao pensar o cinema como instrumento no contexto escolar.

Seu uso oportuniza práticas pedagógicas relevantes, podendo servir para ilustrar conceitos, explorar temas complexos, promover discussões e análises críticas, além de proporcionar *insights* culturais e históricos. Portanto, sua utilização como recurso enriquece o processo de ensino e aprendizagem em diversas disciplinas ou contextos educacionais.

Para isso, é necessário interpretar seus conteúdos artísticos como documentos e artefatos culturais que expressam valores e conceitos, e que devem ser compreendidos à luz dos entrelaçamentos histórico-culturais da sociedade, ciência e política às quais estão vinculados.

Sua utilização pedagógica propicia ao estudante relacionar contextos históricos à realidade da obra cinematográfica, favorecendo novas elaborações e contribuindo para a construção de um sujeito crítico. Entretanto, não basta apenas exibir um filme; é necessário apresentá-lo com uma obra que deve ser acompanhada de análise e debates, para ampliação do repertório cultural dos discentes.

Além disso, para sua utilização como atividade pedagógica qualitativamente relevante, é necessária a abertura e criticidade de interlocutores docentes, servindo como mediadores entre os conteúdos filmicos e os estudantes, e assim, estabelecer conexões entre os diversos elementos dispostos em seus enredos e as mensagens transmitidas aos seus espectadores.

Essa mediação torna-se particularmente urgente quando se observa o potencial de convencimento das grandes produções cinematográficas, que frequentemente operam para além do mero entretenimento. Sob essa ótica, a intervenção docente permite desnaturalizar as narrativas que moldam o imaginário coletivo, preparando o terreno para uma análise mais profunda das indústrias culturais de grande escala.

Em especial, o cinema comercial estadunidense, dada sua imersão e alcance massivo, influencia discursos, subjetividades e concepções populares, atuando na consolidação de valores. Dentro deste aspecto, é imperativo compreender que toda obra comunica mensagens, explícitas ou latentes, das quais somos, enquanto sujeitos históricos, permanente destinatários.

A construção de seus conteúdos não ocorre de forma neutra; pelo contrário, projeta estereótipos que balizam o olhar social acerca das singularidades e da diferença. Dessa forma, as representações do indivíduo que não possui o desenvolvimento típico são evidenciadas a partir de um olhar que expressa a perspectiva e a intenção de seus diretores.

Diante desse contexto, interrogamos: como o cinema estadunidense aborda os indivíduos altamente talentosos?

Como estudiosos de Altas Habilidades/Superdotação-AH/SD³, entendemos que o cinema estadunidense, ao mesmo tempo que privilegia certos perfis de nível de habilidades, paradoxalmente, expõe os desafios e as fragilidades desses indivíduos, desconstruindo estigmas e reafirmando outros. Para isto, o presente artigo, derivado de dissertação de mestrado em educação sobre o tema, possui como objetivo analisar a representação de indivíduos com AH/SD em oito filmes estadunidenses de 1991 a 2017.

1. Referencial teórico

O referencial teórico desta pesquisa apresenta como pilares os conceitos de escuta sensível/empática de Carl Rogers(1997) e de envolvimento existencial e distanciamento reflexivo de Yolanda Cintrão Forghieri (2004).

³ Habilidades proeminentes em área(s) específica(s), expressas por pessoas que possuem talentos apurados, grande potencial criativo e motivação em relação às suas áreas de interesse/talento(Renzulli, 2004).

Escuta sensível/empática, trata-se de uma escuta sem julgamentos e que almeja a compreensão do outro(Rogers,1997). Em nosso caso, compreendemos que tal escuta foi condição *sine qua non* para imersão numa experiência cinematográfica compreensiva acerca das pessoas com AH/SD. Assim, nosso entendimento é que, antes de tudo, precisávamos estar abertos ao que os filmes nos transmitem e as intenções de seus diretores/as.

Envolvimento existencial, consiste na imersão no pesquisador sobre a vivência que pretende analisar e nela inserir-se com intensidade e conexão, priorizando a espontaneidade em detrimento da análise imediata. Aqui se estabelece a experiência de sentido em abertura a vivência pré-reflexiva do fenômeno estudado(Forghieri, 2004).

No distanciamento reflexivo, após aprofundar-se na vivência de determinado contexto e adquirir um entendimento global, o pesquisador estabelece um afastamento com o intuito de compreender e refletir, buscar captar o significado da vivência (Forghieri, 2004). Refere-se ao processo de suspensão do pesquisador em relação à experiência vivida, a fim de contemplá-la de forma mais objetiva e analítica. Essa etapa envolve a capacidade de refletir sobre a vivência de uma maneira mais desprendida, permitindo sua compreensão.

2. Metodologia

Em termos metodológicos este trabalho ancora-se no humanismo existencial e na abordagem fenomenológica, que busca desvelar a essência do que se observa a partir de sua manifestação aos sentidos (Lima, 2020). Sob essa ótica, o cinema é compreendido não apenas como entretenimento, mas como um artefato cultural que molda e reflete subjetividades.⁴

No que se refere aos procedimentos, selecionaram-se oito produções cinematográficas estadunidenses, lançadas no arco temporal de 1991 a 2017, que trazem ao centro de suas narrativas protagonistas com AH/SD. O intuito transcende a mera descrição fílmica; busca-se desvelar como o indivíduo altamente talentoso é representado nestes filmes.

No que diz respeito aos procedimentos para imersão e compreensão de dados, este estudo estruturou-se a partir de sucessivas teleespectações de produções cinematográficas que abordam as AH/SD, com o intuito de visualizar os fenômenos apresentados nessas obras.

O quadro a seguir indica os filmes analisados (todos do gênero drama):

QUADRO 1– Filmes AH/SD

⁴ Pesquisa vinculada ao Grupo de Pesquisa em Fenomenologia na Educação-GPEFE/UFES.
Interfaces da Educação, Paranaíba, V. 17, N. 49, p. 279 a 293, ano 2026
ISSN 2177-7691

Título no Brasil	Título original	Ano
Mentes que brilham	Little Man Tate	1991
Lances Inocentes	Searching for Bobby Fischer	1993
Gênio Indomável	Good Will Hunting	1997
Uma Mente Brilhante	A Beautiful Mind	2001
O Solista	The Soloist	2009
Jobs	Jobs	2013
O Jogo da Imitação	The Imitation Game	2014
Um Laço de Amor	Gifted	2017

Fonte: Os autores, 2026

O passo inicial consistiu na descrição, em que a primeira fruição do filme foi executada de forma ininterrupta, visando uma abertura perceptiva ao que se apresentava diante dos olhos e ensejando um exercício de *epoché*. Numa segunda telespectação, realizou-se o registro escrito descritivo, efetuado com interrupções, para a captura e catalogação dos diálogos e cenas apresentadas no longa-metragem.

Já na terceira fruição, realizada sem interrupções, buscou-se o delineamento das falas e ações que faziam menção ao modo de ser e de estar do protagonista com AH/SD, registrando-se as unidades de significado despertadas durante a observação. Em uma quarta visualização, empreendida com interrupções e centrada nos aspectos visuais, registraram-se os elementos da fotografia com o objetivo de compreender os espaços e contextos que eram "habitados" pelo protagonista. A quinta fruição, novamente realizada de modo ininterrupto, voltou-se aos aspectos sonoros e musicais, permitindo a captura dos conteúdos subjetivos presentes na trilha sonora.

Tendo como característica a descrição detalhada do fenômeno para evidenciá-lo, esta metodologia foi construída sob o tripé observar, mediante fruições exaustivas da produção; descrever, através do registro minucioso dos dados apresentados; e, por último, desvelar, cujo propósito foi apresentar compreensivamente o fenômeno capturado nesta experiência audiovisual, conforme a perspectiva de Holanda (2003).

Os filmes foram assistidos repetidamente pelos autores, gerando registros detalhados de suas percepções em Diário. Utilizou-se também instrumento a Versão de Sentido (Amatuzzi, 2010), que consiste no registro imediato das reações, intuições e sentimentos que emergem logo após a experiência estética. Por fim, os sentidos interiorizados a partir da

telespectação, registro e percepção foram interconectados, estabelecendo diálogos entre o que os filmes desvelam e o alguns conceitos que a literatura de AH/SD revela sobre esse tema.

3. Resultados e discussões: O gênero dramático como espaço de representação das AH/SD

O gênero dramático se destaca como recurso frequente no cinema estadunidense para abordar questões de AH/SD. Os filmes destacados no quadro anterior indicam essa tendência, demonstrando a capacidade do cinema de promover a reflexão sobre temas complexos e atuais, ao mesmo tempo em que entretém o público.

Compreendemos a escolha do drama como intencional, pois essa preferência permite a exploração densa dos personagens e de suas emoções, favorecendo a representação de experiências complexas como as vividas pelas pessoas com AH/SD. Além disto, “o drama aborda, portanto, a vivência mais prosaica do sujeito” (Nogueira, 2010, p.23).

No contexto de personagens com AH/SD, significa a abordagem não apenas das habilidades aguçadas desses personagens, mas também, os desafios internos que muitas vezes são ocultos do público em geral: o isolamento, a pressão para ser "hiper talentoso" a todo momento, as dificuldades de adaptação social e o sentimento de inadequação.

O gênero captura não apenas os nuances das AH/SD, mas também, as fragilidades e complexidades da condição humana, o que torna o drama um gênero que proporciona mais profundidade para a exploração dessas experiências (Nogueira, 2010).

As narrativas dramáticas, ao aprofundarem-se nas emoções e desafios enfrentados por personagens com AH/SD, corroboram com as pesquisas acadêmicas sobre a temática. A ficção cinematográfica, ao dar vida a essas experiências complexas, oferece material para a compreensão das dificuldades emocionais e sociais que frequentemente acompanham tais indivíduos (Valentim, Vestena e Neumann, 2014).

Segundo Ourofino e Guimarães (2007, p.47):

A relação entre cognição e emoção, o desenvolvimento de estruturas de valor e a intensidade exacerbada da pessoa superdotada e criativa são temas discutidos na perspectiva da assincronia do desenvolvimento que os superdotados revelam, ou seja, o descompasso entre desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor ressalta ainda mais as diferenças dessa população em comparação aos colegas e pessoas da mesma idade.

Para essas autoras, afetivamente, os indivíduos com AH/SD (em muitos casos) tendem a apresentar uma sensibilidade elevada, decorrente da grande quantidade de informações e emoções que frequentemente excedem sua capacidade de assimilação e processamento. Seu desenvolvimento emocional é moldado tanto por fatores internos quanto externos, sendo facilitado pela sua percepção apurada e alta capacidade cognitiva.

Assim, para entender e lidar com suas emoções, esses indivíduos precisam investir uma quantidade significativa de energia mental, muitas vezes desproporcional à sua idade. Quando essas características se combinam a um ambiente inadequado, podem surgir dificuldades emocionais (Ourofino e Guimarães, 2007).

O desenvolvimento de indivíduos com AH/SD é influenciado por diversos fatores. Dentre eles, destaca-se o autoconceito, ou seja, a imagem que a pessoa possui de si própria. Essa imagem é formada a partir das experiências de vida e das interações sociais, e influencia significativamente o bem-estar emocional seu desempenho.

Alencar e Fleith (2003) ressaltam que o autoconceito desempenha um papel fundamental no desenvolvimento multidimensional de indivíduos com AH/SD. Este elemento é o pilar central na construção da identidade e das auto e heteroconcepções, influenciando diretamente as ações do sujeito e a sua percepção de autoeficácia — ou seja, daquilo que ele acredita ser capaz de realizar e conquistar.

Nesse contexto, a pressão para se adequar a padrões sociais de "normalidade" pode impactar negativamente o indivíduo com AH/SD (Paludo, Loos-Sant'Ana & Sant'Ana Loos, 2014). Frequentemente, esses sujeitos são compelidos a mimetizar comportamentos e normas típicos de sua faixa etária ou grupo social — um fenômeno de camuflagem social denominado *passing*.

Por apresentarem características cognitivas, emocionais e comportamentais distintos, eles podem também se sentir excluídos ou incompreendidos. Esse isolamento é ilustrado no filme *Mentes que brilham* (1991), no qual podemos observar a dificuldade do prodígio Fred Tate em construir vínculos de amizade com crianças da sua idade, visto que seus interesses divergem seus pares etários.

Essa disparidade cria barreiras sociais que tornam complexas a construção de laços afetivos e de pertencimento. Neste sentido, a falta de compatibilidade em diálogos e atividades torna a socialização desafiadora para Fred. O filme traz à tona reflexões de que o desenvolvimento cognitivo não pode ser dissociado das demandas emocionais. Assim, indica

que emerge a necessidade de um equilíbrio pedagógico que incentive o desenvolvimento de habilidades específicas sem negligenciar as demandas psicossociais desses indivíduos.

Em *Gênio indomável* (1997), embora o personagem Will Hunting possua talento notável em matemática, em comportamento de *passing*, não se sente confortável para demonstrar suas habilidades pelo medo de ser julgado ou rejeitado. De acordo com Ourofino e Guimarães (2007, p.48):

O indivíduo adulto com altas habilidades/superdotação pode apresentar uma tendência a mascarar ou esconder suas potencialidades a fim de se ajustar às expectativas sociais. Esse mecanismo geralmente tem origem no processo de rejeição que o indivíduo enfrenta desde a infância com as primeiras manifestações de comportamentos superdotados.

Esse fator pode ser observado no filme quando Will apresenta, por vezes, comportamento agressivo e oculta suas habilidades em cálculo, agindo de forma autossabotadora em situações sociais. A recusa no aceite de oportunidades condizentes com sua inteligência e sua resistência em estabelecer conexões com dois personagens que desejam auxiliá-lo, demonstram seu conflito interno em relação à própria identidade.

Davis e Rimm (1994) elencam como características comuns a pessoas com AH/SD: dificuldade nos relacionamentos sociais, dificuldade em aceitar críticas, inconformismo e resistência a autoridades, dificuldade em realizar tarefas rotineiras e repetitivas, competitividade em demasia, intensidade de emoções, aflições éticas e estéticas, ansiedade, entre outras.

No que diz respeito ao relacionamento interpessoal, pondera-se que podem existir dificuldades significativas em habilidades e interações sociais, conforme exposto por diversos autores destacados anteriormente. Assim, o isolamento social pode surgir como resultado de uma autoimagem negativa, derivada de experiências negativas vivenciadas ou da falta de afinidade de interesses com seus pares (Schipper et al, 2019).

A dificuldade nas relações interpessoais enfrentadas pelas pessoas com AH/SD pode estar relacionada à diferença no modo como elas percebem o mundo, à intensidade com que vivenciam emoções e à dificuldade em encontrar pares com interesses ou níveis de compreensão similares. Isso pode resultar em desafios na construção de vínculos sociais e numa boa interessoalidade.

No filme: *O Solista* (2009), a complexidade das relações interpessoais é retratada por meio de Nathaniel Ayers, um talento musical cuja trajetória é atravessada pela esquizofrenia.

Embora sua condição psiquiátrica afete drasticamente sua capacidade de estabelecer conexões convencionais e o leve ao isolamento, o filme ilustra um caso de dupla excepcionalidade: a coexistência de um alto potencial criativo com um transtorno mental. Nesse cenário, o isolamento reflete não apenas o impacto da patologia, mas também dificuldade de integrar sensibilidade artística aprimorada a uma realidade social fragmentada.

Comportamento semelhante é evidenciado em: *Uma Mente Brilhante* (2001), no qual John Nash, um prodígio da matemática, enfrenta severos entraves sociais. Novamente, observa-se a linha tênue entre comportamentos excêntricos, comuns ao alto repertório cognitivo, e os sintomas de sua condição psiquiátrica. Em ambos os casos, as obras destacam como a mente altamente capaz pode ser, simultaneamente, uma fonte de realização intelectual e um espaço de vulnerabilidade quando não há o suporte psicossocial adequado para lidar com a complexidade de suas vivências.

De modo distinto, mas ainda no campo das dificuldades interpessoais, o filme: *Jobs* (2013) evidencia como o perfeccionismo, o desejo de controle e a ausência de empatia podem isolar o indivíduo com AH/SD. Diferente de Ayers e Nash, a dificuldade de Steve Jobs manifesta-se em uma impaciência crônica e na priorização de objetivos visionários em detrimento da qualidade das relações humanas, reforçando o estereótipo do gênio emocionalmente distante.

Em *O jogo da imitação*(2014), Allan Turing é retratado como uma pessoa com limitações nas habilidades sociais, comumente percebido como distante e arrogante por seu círculo de convivência. Sua abordagem estritamente lógica e a dificuldade em lidar com os aspectos emocionais das interações humanas contribuem para seu isolamento. Nesse contexto, Turing encontra barreiras para trabalhar em equipe, preferindo, por vezes, atuar de forma independente.

Essa dificuldade de estabelecer vínculos, observada nas trajetórias cinematográficas mencionadas, frequentemente encontra raízes no modo como o indivíduo percebe a própria performance e a dos outros. Tanto em *Jobs* (2013) como em *O jogo da imitação*(2014), as dificuldades interpessoais são um subproduto de um padrão de excelência inflexível. Essa busca incessante pela perfeição, embora impulsione a criação, edificam barreiras que dificultam o trabalho em equipe e a convivência familiar.

Abordando a questão da precocidade, o filme: *Um Laço de amor* (2017), possui como protagonista Mary, uma menina com AH/SD que demonstra grande sensibilidade e

maturidade em relação a seus pares etários, evidenciando consciência precoce acerca de questões complexas.

Seu senso ético e de justiça são evidenciados em algumas cenas. Dentre elas: ao defender um colega de sala que estava sendo alvo de brincadeiras inapropriadas por outra criança. Ou quando questiona as regras e os comportamentos de adultos ao seu redor.

Neste sentido, as concepções singulares de enxergar o mundo e a consciência precoce dos mecanismos sociais oferece às pessoas com AH/SD a chance de desenvolver valores complexos, além de um forte senso ético e de justiça. Entretanto, “se as percepções e interpretações advindas dessas estruturas são continuamente frustradas, ocorre uma introspecção dos sentimentos e opiniões ocasionando retraimento social” (Ourofino e Guimarães, 2007, p.49).

Comportamentos como: dificuldade de relacionamento com colegas de mesma idade, busca pela excelência, suscetibilidade a críticas, dificuldades de conduta e empatia em relação ao outro são características observadas decorrentes das singularidades de perceber e viver no mundo, potencializado pela sensibilidade, curiosidade e assincronias dentre idade e maturidade (Paludo, Loos-Sant’Ana, Sant’Ana Loos, 2014).

Em termos de perfeccionismo, Virgolim (2007) destaca que indivíduos com AH/SD frequentemente apresentam alto padrão de exigência consigo mesmos. Essa característica, muitas vezes associada à busca por excelência, pode se manifestar como perfeccionismo que impulsiona esses indivíduos a estabelecer metas cada vez mais desafiadoras e buscar padrões de desempenho extremamente elevados.

Segundo a autora:

Os problemas advindos da aspiração de querer ser praticamente perfeito (ou o “efeito Mary Poppins”, como discutem alguns pesquisadores do tema), podem ser a causa do baixo autoconceito da criança superdotada, pois as expectativas muito altas sobre o próprio comportamento os impulsionam em direção a metas não realistas e difíceis de atingir (Virgolim, 2007, p. 44).

Crianças com AH/SD podem estabelecer padrões extremamente elevados para si próprias, baseados em suas habilidades superiores. No entanto, essas expectativas podem se tornar irrealistas, levando-as ao ciclo de tentativa e falha. Quando não conseguem atingir esses padrões, podem se sentir inadequadas ou fracassadas.

Destarte, as produções corroboram a perspectiva de Virgolim (2007), que destaca o alto padrão de exigência como uma característica marcante de indivíduos com AH/SD. Este

perfeccionismo, quando disfuncional, atua como uma faca de dois gumes: ao mesmo tempo que estabelece metas desafiadoras, pode gerar o que a autora chama de "efeito Mary Poppins". Nesse fenômeno, a criança ou o adulto com AH/SD projeta para si uma imagem de perfeição absoluta que, por ser irrealista, resulta em um baixo autoconceito e em um ciclo constante de frustração.

O filme *Lances Inocentes* (1993) ilustra com precisão essa transição da potencialidade para o estresse. No personagem Josh, vemos como o perfeccionismo deixa de ser uma busca por excelência pessoal para se tornar uma carga externa, alimentada pelas expectativas do pai e do mentor. O "calcanhar de Aquiles" psicossocial surge exatamente aqui: quando a necessidade de ser "impecável" — tal como um grande mestre do xadrez — asfixia a paixão pelo aprendizado e transforma o talento em um fardo de ansiedade.

Essa pressão é exacerbada pelo ambiente competitivo dos torneios de xadrez, no qual, um erro pode comprometer o resultado da partida e, por extensão, dentro da visão de seu progenitor, manchar a reputação que ele construiu para o filho.

Além disso, o mentor de Josh, acreditando que a disciplina rígida é a chave para a grandeza, exige que o jovem jogador evite qualquer distração e jogue de forma impecável, seguindo o exemplo de grandes enxadristas como Bobby Fischer. No filme, o perfeccionismo é representado por uma autocrítica obsessiva e busca obcecada pela vitória sem cometer erros.

A busca pela perfeição pode gerar frustração e ansiedade. Segundo Schuler (2000) o perfeccionista disfuncional é caracterizado por um estado contínuo de ansiedade em relação à chance de cometer falhas. E assim, define metas ambiciosas e muitas vezes inatingíveis, percebe as expectativas elevadas dos outros como críticas intensas, possui dúvidas sobre suas próprias decisões, apresenta necessidade constante de validação e adota estratégias pouco assertivas para lidar com as pressões do ambiente.

De acordo com Winner (1998, p. 18), se referindo as crianças com AH/SD: "especialmente os prodígios, malogram, enquanto outras acabam por se dedicar a outras áreas de interesse". O desenvolvimento de uma criança não é linear e é influenciado por uma variedade de fatores, incluindo suporte familiar, oportunidades educacionais e bem-estar emocional.

Assim, o contexto em que a pessoa está inserida desempenha papel fundamental na ativação e na realização do potencial observado. Um ambiente que oferece estímulos, apoio e oportunidades de aprendizado oferta condições favorecedoras para que as AH/SD se manifestem e se desenvolvam.

Considerando que o emergir dessas potencialidades dependem da qualidade das interações e dos estímulos ambientais, o cinema surge como um potente mediador para a visualização dessas realidades complexas. Ao transpor comportamentos para a narrativa visual, as produções cinematográficas permitem que o público não apenas apreenda acerca desse aspecto, mas que também os vivencie de forma empática.

Essa transição do conceito teórico para a representação estética ocorre porque a experiência cinematográfica é vivenciada por meio da percepção imediata de imagens, sons e movimentos na tela, sendo essa sensorialidade o que nos permite captar seu significado. Conforme aponta Merleau-Ponty (1983, p. 115), “é mediante a percepção que podemos compreender a significação do cinema: um filme não é pensado e, sim, percebido”.

Isso implica que o cinema é, primeiramente, um fenômeno perceptivo no qual o espectador se envolve de maneira imersiva, o que possibilita uma compreensão mais ampla e integrada das mensagens da obra.

Nessa perspectiva, Edgar-Hunt, Marland e Rawle (2013, p. 176) afirmam que “a linguagem cinematográfica não é apenas sobre como o cinema se comunica, mas também sobre o que o cinema comunica”. Para além dos elementos técnicos — como câmera, iluminação, cenário, elipses e trilha sonora — um filme expressa o desejo relativo ao “que” e ao “como” um tema será apresentado.

As obras cinematográficas analisadas, ao abordarem traços como dificuldades emocionais, precocidade e perfeccionismo, auxiliam na compreensão pública desses aspectos intrapsicológicos. Contudo, nota-se um paradoxo: se, por um lado, a representação desses dilemas ajuda a desconstruir mitos e promove uma visão mais humanizada; por outro, a predominância de narrativas sobre prodígios — que refletem apenas uma parcela restrita dessa população — acaba por inflar a expectativa do senso comum por “habilidades fantásticas”.

Esse viés contribui para uma cristalização popular do indivíduo com AH/SD como um “fazedor de milagres” ou alguém destinado a feitos espetaculares de forma isolada. Assim, embora se desconstrua o mito do “gigante infalível” ao expor seu “calcanhar de Aquiles” psicossocial, a escolha recorrente por histórias de prodígios reforça a concepção de que às AH/SD são sinônimo de uma genialidade híbrida, desconectada dos aspectos sociais que também a nutrem.

Por fim, no contexto escolar, esse segundo aspecto, quando cristalizado no imaginário público, não apenas torna a identificação de muitos desses indivíduos complexa, por

distanciar-se das características do aluno real, também favorece seu isolamento social, que, por não se ver refletido no estereótipo do prodígio, acaba marginalizado e passa a autoboicotar suas habilidades como forma de defesa e/ou negação de sua identidade.

Conclusões

Neste recorte apresentado, à exceção de *O Solista*, os demais filmes privilegiam a inteligência lógico-matemática — tendência que, conforme a dissertação de mestrado da qual este artigo deriva, é comum em produções estadunidenses sobre AH/SD. Essa valorização possui raízes no modelo de ciência moderna e em uma concepção economicamente pragmática, que prioriza o desenvolvimento tecnológico em detrimento de outras dimensões humanas.

A ascensão da era digital e da tecnologia da informação consolidou esse cenário. Com o advento dos computadores pessoais, da internet e da subsequente economia digital, o cinema de Hollywood passou a refletir os interesses de um espaço-tempo cultural que hipervaloriza o raciocínio lógico. Essa predominância decorre de razões interligadas à indústria cultural e à cultura de massa, que operam como funções da industrialização e das necessidades do sistema econômico.

E assim, interesses econômicos validam habilidades técnico-científicas como primordiais para a manutenção e expansão de sua economia. Ao reproduzir narrativas que glorificam tais competências, o cinema reforça ideologias dominantes que fundem o econômico ao cultural. Quando os filmes destacam protagonistas prodígios sob essa ótica, atendem às regras comerciais de uma indústria na qual os produtos são distribuídos e consumidos em massa. Assim, as habilidades exacerbadas nas telas são selecionadas com base no potencial de interesse e consumo popular.

Essa representação restrita a prodígios contribui para a cristalização de mitos no senso comum. Dentre eles de que as AH/SD estão restritas a um único tipo e nível de habilidade. Tais estereótipos alimentam concepções errôneas sobre esses indivíduos, tanto no ambiente escolar quanto fora dele.

Estabelece-se, assim, um paradoxo. Se, por um lado, as produções atendem à indústria cultural e reforçam estigmas sobre a genialidade, por outro, ao explorarem as dimensões emocionais e as angústias desses indivíduos, podem contribuir para uma visão mais complexa e humana, desmitificando a aura de autossuficiência. Essa dualidade reflete a própria complexidade de como a pessoa com AH/SD é compreendida pela sociedade.

Por fim, como docentes que utilizam o cinema em sala de aula, compreendemos que não existem filmes com exibição não recomendada (obviamente respeitando a questão etária). O que se faz necessário é seu complemento por meio de discussões críticas e, em muitos casos, a desconstrução teórica de suas fragilidades. Aprende-se com o cinema tanto ao identificar suas limitações e contextos históricos quanto ao reconhecer fatores recorrentes das vivências de indivíduos com AH/SD.

Referências

ALENCAR, Eunice M. L. S.; FLEITH, Denise S. **Criatividade**: múltiplas perspectivas. Brasília: EdUnB, 2003.

AMATUZZI, Mauro M. **Por uma psicologia humana**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2010.

DAVIS, Gary A.; RIMM, Sylvia B. **Educação dos superdotados e talentosos**. Needham Heights: Allyn and Bacon, 1994.

EDGAR-HUNT, Robert *et al.* A linguagem do cinema. Porto Alegre: Bookman, 2013.

FORGHIERI, Yolanda. **Psicologia fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisas. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

GÊNIO INDOMÁVEL. Direção: Gus Van Sant. Estados Unidos: Miramax, 1997. 1 filme (126 min).

HOLANDA, Adriana F. Pesquisa fenomenológica e psicologia eidética: elementos para um entendimento metodológico. In: BRUNS, Maria A.; HOLANDA, Adriana F. (Org.). **Psicologia e Fenomenologia**: reflexões e perspectivas. Campinas: Alínea, 2003.p. 41-64

JOBS. Direção: Joshua Michael Stern. Estados Unidos: Open Road Films, 2013. 1 filme (128 min).

LANCES INOCENTES. Direção: Steven Zaillian. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1993. 1 filme (110 min).

LIMA, Janaina C. de. **Diário de uma contadora de histórias**: um estudo fenomenológico existencial. 2020. 81 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

MENTES QUE BRILHAM. Direção: Jodie Foster. Estados Unidos: Orion Pictures, 1991. 1 filme (99 min).

MERLEAU-PONTY, Maurice. O cinema e a nova psicologia. In: XAVIER, Ismail (org.). **A Experiência do cinema**: antologia. Rio de Janeiro: Graal; Embrafilme, 1983.

NOGUEIRA, Luis. **Manuais de Cinema 2: gêneros cinematográficos**. Portugal: LabCom Books, 2010.

O JOGO DA IMITAÇÃO. **Direção:** Morten Tyldum. Reino Unido/EUA: Black Bear Pictures, 2014. 1 filme (114 min).

O SOLISTA. **Direção:** Joe Wright. Estados Unidos: DreamWorks Pictures, 2009. 1 filme (117 min).

OUROFINO, Vanessa T. A. T. de; GUIMARÃES, Tania G. Características intelectuais, emocionais e sociais do aluno com altas habilidades/superdotação. In: FLEITH, Denise S. (org.). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: orientação a professores**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2007. v. 1, cap. 3, p. 41–51.

PALUDO, Karina I.; LOOS-SANT'ANA, Helga; SANT'ANA-LOOS, René S. **Altas Habilidades/Superdotação: identidade e resiliência**. Curitiba: Juruá, 2014.

RENZULLI, Joseph S. O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? uma retrospectiva de vinte e cinco anos. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 75-131, jan./abr. 2004. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/375/272>. Acesso em: 15 ago. 2026.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SCHIPPER, Carla. M. *et al.* **Ensino da pessoa com altas habilidades/superdotação**. Porto Alegre: Sagah, 2019.

SCHULER, Patricia. Perfectionism and Gifted Adolescents. **Journal of Advanced Academics**, Thousand Oaks, v. 11, p. 183-196, 2000. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.4219/jsge-2000-629>. Acesso em: 13 jan. 2025.

UM LAÇO DE AMOR. **Direção:** Marc Webb. Estados Unidos: Fox Searchlight Pictures, 2017. 1 filme (101 min).

UMA MENTE BRILHANTE. **Direção:** Ron Howard. Estados Unidos: Universal Pictures, 2001. 1 filme (135 min).

VALENTIM, Bernadete F. B.; VESTENA, Carla L. B.; NEUMANN, Patricia. Educadores e estudantes: um olhar para a afetividade nas altas habilidades/superdotação. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 27, n. 50, p. 713-723, set./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/14421>. Acesso em: 13 jan. 2025.

VIRGOLIM, Angela M. R. Desenvolvimento do Autoconceito. In: FLEITH, Denise S. (org.). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: orientação a professores**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2007. v. 1, p. 9–11.

WINNER, Ellen. **Crianças superdotadas: mitos e realidades**. Porto Alegre: Artmed, 1998.